FACULDADE EFICAZ
Fazendo parte da sua história!

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

OS TRANSTORNOS GLOBAIS E AS DIFICULDADES ESCOLAR

NOGUEIRA, Maria Rosilene[1]

RESUMO
O professor trabalha rotineiramente com a matéria prima mais especial que um profissional possa ter; o ser humano, com tantos conflitos e dificuldades possui desde a nascença a raiz das revelações, aquelas que são desvendadas com o tempo e preparadas para cada época da vida. E o aluno é uma semente que cresce a cada dia, precisa ser cultivado e acompanhado para realizar as principais atividades que a vida escolar requer. Mas, para tanto é condicionado de muitas situações e dificuldades que geram desconforto e impedem o seu desenvolvimento cognitivo; quer seja por distúrbios ou transtornos recorrentes de uma esfera contínua. Saber observar uma dificuldade, principalmente naqueles que pedem socorro sugere ser algo nato do professor, porém, o que se revela são dados elevados de desconhecimento do potencial do aluno, abafado por diversos obstáculos, que podem ser superados quando se atinge a raiz do problema. Este artigo visa alertar professores e comunidade escolar quanto a diferenciação de uma dificuldade do aluno e dos transtornos que muitos apresentam no processo da aprendizagem. Esses transtornos podem ser globais e apresentar diversos obstáculos para o indivíduo. As crianças diagnosticadas com transtornos apresentam um desafio ao sistema educacional, pois demonstram falta de compreensão da subjetividade das relações humanas, principalmente, das regras de convívio social e demonstram interesse em outros assuntos que precisam ser observados. A pesquisa baseia-se com Barbosa (2012), Ciasca e Rossini (1991), Colll, Marchesi e Palácios (2010), Klin (2006) Landry (2007), Romero (2000) entre outros autores.

PALAVRAS - CHAVE: Transtornos. Dificuldades. Escola. Aprendizagem. Sistema Educacional.

ABSTRACT
The teacher routinely works with the most special raw material a professional can have; the human being, with so many conflicts and difficulties, has from birth the roots of revelations, those that are unveiled over time and prepared for each time of life. And the student is a seed that grows every day, needs to be cultivated and accompanied to perform the main activities that school life requires. But, for that, it is conditioned by many situations and difficulties that generate discomfort and impede its cognitive development; Whether by recurrent disorders or disorders of a continuous sphere. Knowing how to observe a difficulty, especially in those who ask for help suggests that it is something born of the teacher, but what is revealed is high data of ignorance of the potential of the student, muffled by several obstacles, that can be overcome when the root of the problem is reached. This article aims to

[1] Pós-Graduação em Educação - Faculdade Eficaz de Maringá/ PR. Contato: rose-vermelho@hotmail.com

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

alert teachers and the school community about the differentiation of a student's difficulty and the disorders that many present in the learning process. These disorders can be global and present various obstacles to the individual. Children diagnosed with disorders present a challenge to the educational system, as they demonstrate a lack of understanding of the subjectivity of human relationships, especially of the rules of social interaction, and show interest in other subjects that need to be observed. The research is based on Barbosa (2012), Ciasca and Rossini (1991), Colll, Marchesi and Palácios (2010), Klin (2006) Landry (2007), Romero (2000) among other authors.

KEYWORDS: Disorders. Difficulties. School. Learning. Educational system.

INTRODUÇÃO

Muitos profissionais da educação, infelizmente, ainda detêm o olhar estreito na relação com o aluno, principalmente com aquele que apresenta um comportamento diferenciado, na maioria das vezes, acometido por um distúrbio ou transtorno que lhe acarreta postura e condutas indevidas. A escola e os professores visam o desenvolvimento da criança, assegurando-a a formação básica indispensável para sua participação na sociedade. Constitui-se assim, um ambiente importante na vida da criança; é nele que acontece a aprendizagem formal, o desenvolvimento cognitivo, a socialização e o convívio com diferentes relações, desde as hierárquicas às relações amistosas e de convívio extrafamiliar.

As relações estáveis, com os pares e professores nem sempre são as mesmas, principalmente no universo daqueles que possuem seu próprio “universo”, como os autistas, de um mundo singular e com habilidades reveladoras, que muitas vezes revelam reflexões sobre quem é mais alienado e impregnado de condutas um tanto estranhas. E outros com síndromes e alienações decorrentes de transtornos globais que afetam o seu “eu” significativamente.

Observar que cada aluno vivencia a aula em função de seu humor e de sua disponibilidade, do que ouve e compreende, conforme seus recursos intelectuais, sua capacidade de concentração, o que interessa e o que faz sentido para ele, relaciona-se com outros saberes ou com realidades que pode fazer a diferença no que o professor busca em sala de aula.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

O sistema educativo construiu-se de cima para baixo e é assim até hoje, a escola segue um padrão e esse mesmo modelo gera desafios, principalmente, na diversidade, com alunos cada vez mais diferenciados do padrão estabelecido. Frente aos muitos desafios, vários estudos apresentam um resultado preocupante e à medida que os alunos progridem na escola, a família participa e os acompanha menos (Silveira, 2007). Muitos professores usam meios disciplinares clássicos, para que todos os alunos escutem com atenção e envolvam-se ativamente, pelo menos em aparência, nas tarefas atribuídas. A reflexão sobre as situações didáticas começa com a questão de Saint-Onge (1996), quando diz: Eu ensino, mas eles aprendem? Essa é a preocupação que se tem neste artigo e o que se pode fazer para reparar uma realidade não muito distante de todos. E o que fazer com aqueles que chegam apresentando transtornos desconhecidos até mesmo dos profissionais que buscam especializações para saberem atuar e compreender os “novos alunos”?

1 – OS TRANSTORNOS GLOBAIS

Quando se trata de transtorno, o primeiro tema a ser abordado é o autismo, um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos três anos de idade e se prolonga por toda a vida. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) cerca de 70 milhões de pessoas no mundo são acometidas pelo transtorno, que em crianças é mais comum que o câncer, a AIDS e o diabetes. (Barbosa, 2012).

Barbosa (2012) cita que o Autismo se caracteriza por um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento; a mais comprometida é a interação social. “Mas isso não significa dizer, em absoluto, que a pessoa com autismo não consiga e nem possa desempenhar seu papel social de forma bastante satisfatória. ” A autora garante que compreender esse transtorno pode ser relativamente simples quando as pessoas de dispõe a colocar-se no lugar do outro, a buscar a essência mais pura do ser humano e a resgatar a nobreza de realmente conviver com as diferenças. O desafio maior talvez seja aceitar o diferente e ter a chance de aprender com ele, enfatiza Barbosa (2012, p. 1).

Diversos autistas apresentam déficit na “teoria da mente”, ou seja, não entendem o que a outra pessoa deseja, acredita ou sinta. Possuem forte apego a rotina e desapego do que gosta. Os indivíduos autistas apresentam, na maioria dos

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

casos, problemas de sono e de alimentação. Alguns são muitos ansiosos e não sabem controlar as emoções. Muitos são resistentes a mudanças e evitam o contato olho a olho; apresentam movimentos repetitivos, tendência ao isolamento, birras, ecolalia (que são repetições de frases), uso inapropriado de objetos, hiper ou baixa sensibilidade. (Revista Projetos Escolares/Inclusão Na Escola, 2012, p. 14). Não há cura para o autismo, mas existem as intervenções, que, quando feitas de maneira sistemática e precoce, melhoram consideravelmente a qualidade de vida desses indivíduos. O professor é um grande mediador nesse processo, afirma Landry (2007).

O desenvolvimento dessa temática dá-se devido à possibilidade de verificação dos desafios encontrados nas práticas pedagógicas no processo da construção de aprendizagem desses sujeitos matriculados no ensino comum e no mundo a se descobrir com eles, por que não! Sendo necessário resinificar a prática docente voltada à intervenção do processo de aprendizagem. Para direcionar esta pesquisa, buscou-se fundamentação nos pressupostos teóricos de Leo Kanner e Hans Asperger, pioneiros na técnica acerca das técnicas sobre autismo infantil. Cada qual ao seu modo publicou as primeiras definições sobre o transtorno.

Em 1938, Leo Kanner descreveu pela primeira vez, onze casos do que denominou “distúrbios autísticos do contato afetivo”. Nesses, observou que havia, entre os indivíduos envolvidos, uma “incapacidade” de convívio social com outras pessoas desde o início da vida. Kanner também observou respostas incomuns ao ambiente, resistência à mudança ou insistência na monotonia, bem como aspectos não usuais das habilidades linguísticas (ecolalia).

Com base em tais observações, Kanner publicou, em 1943, o artigo intitulado “Distúrbio Autísticos do Contato Afetivo”. Kanner enfatizou a predominância dos déficits de relacionamento social, assim como dos comportamentos incomuns na definição da condição. Durante os anos 50 e 60 do século passado, houve muito conflito acerca da natureza do autismo e sua etiologia. Acreditava-se que o autismo era causado por pais não emocionalmente responsáveis por seus filhos. No início dos anos 60, passou-se a entender o autismo como um transtorno cerebral presente desde a infância e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Michael Rutter (1978) propôs uma definição do autismo com base em quatro critérios: Atraso e desvio sociais não só como função de retardo mental; problemas de comunicação, novamente, não só em função de retardo mental associado; comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismo e o início antes dos 30 meses de idade. A definição de Rutter (1978) e o crescente interesse clínico sobre o autismo influenciaram a definição desta condição no DSM-III. Em 1980, quando o autismo foi reconhecido e colocado em uma nova classe de transtorno – os Transtornos invasivos do Desenvolvimento (TIDs). O termo TID foi escolhido como suposição para o fato de que múltiplas áreas de funcionamento são afetadas no autismo e nas condições a ele relacionadas.

Segundo o DSM V (1995), a antiga Síndrome de Asperger e hoje Transtorno do Espectro Autista é um transtorno global do desenvolvimento, caracterizado por déficits em diversas áreas do conhecimento que levam a uma interrupção invasiva, e, ao mesmo tempo difusa, dos processos do desenvolvimento. As crianças diagnosticadas com o Transtorno apresentam um desafio ao sistema educacional, pois demonstram falta de compreensão da subjetividade das relações humanas, principalmente, das regras de convívio social e demonstram interesse em determinados assuntos.

Para o DSM V, os novos critérios potenciais para o autismo, bem como as várias condições a serem incluídas na categoria TID, foram avaliados em um estudo internacional, incluindo mais de 1.000 casos avaliados por mais de 100 avaliadores clínicos. Os sistemas de classificação do DSM foram criados para evitar confusões entre pesquisadores clínicos. A definição dos critérios foi decidida com base em dados empíricos para o autismo e condições relacionadas e revelados em trabalho de campo.

Asperger foi descrita por Hans Asperger em 1944, um pediatra austríaco, o qual apresentou profundo interesse em Educação Especial. Descreveu quatro crianças que tinham dificuldade em se integrar socialmente em grupos. Desconhecendo a descrição de Kanner do autismo infantil precoce, Asperger denominou a condição como “psicopatia autística”, indicando um transtorno estável de personalidade marcado pelo isolamento social.

Apesar de ter as habilidades intelectuais preservadas, as crianças apresentaram uma inferioridade na comunicação não verbal, envolvendo tanto

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

gestos como tom afetivo de voz, empatia pobre e uma tendência a intelectualizar as emoções, uma inclinação a ter uma fala em monólogo e às vezes incoerente, uma linguagem tendendo ao formalismo. Asperger chamou os seus pacientes de "pequenos professores" em virtude do vasto conhecimento em assuntos de seu interesse. O autor salientou ainda, a natureza familiar da condição e, inclusive, levantou a hipótese de que os traços de personalidade fossem de transmissão ligada ao sexo masculino.

O uso do termo "autismo" para discriminar a natureza de uma alteração tanto por Kanner quanto por Asperger não é mera coincidência, uma vez que, no começo do século XX, o eminente psiquiatra Eugen Bleuler havia introduzido o termo, referindo-se a limitação de relações interpessoais e com o mundo externo típico da esquizofrenia (FRITH, 2004). Os termos "autistas" e "autismo" derivam do grego - *autos*, que significa "si mesmo". Somente nos anos 70, foram realizadas as primeiras comparações com o trabalho de Kanner, especialmente por pesquisadores holandeses, tais como Van Krevelen. As tentativas iniciais de comparação das duas condições foram difíceis devido à diversidade descrita nos pacientes descritos. Todavia, nenhuma definição consensual surgiu até o surgimento da CID-10 (1998).

Necessário destacar que, diferentemente da esquizofrenia descrita por Bleuler, às crianças acompanhadas por Kanner e por Asperger apresentavam um prejuízo contrário, elas tinham progresso na conduta com o desenvolvimento e a aprendizagem (FRITH, 2004). Para Klin (2006), há uma variação na explicação do conceito de autismo, desde crianças com funcionamento geral mais baixo, por vezes mudas ou isoladas da interação social; crianças que aceitam a interação social passivamente; e as que possuem um grau mais elevado de funcionamento, possibilitando com isso, o interesse pelo meio social e a interação.

Schwartzman (1991) afirma que, por muito tempo o conceito de autismo infantil permaneceu confuso, sofrendo modificações a partir do surgimento de critérios diagnósticos descritivos, os já citados DSM e o CID. Esses critérios descritivos trouxeram algumas vantagens óbvias, pois sendo aceitos por grande parte dos estudiosos e clínicos, em várias partes do mundo, homogeneizaram os rótulos e diagnósticos, permitindo comunicação mais eficaz e unificação de diagnósticos.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Por outro lado, tratando-se de critérios puramente descritivos, tornaram-se muito abrangentes e pouco específicos, possibilitando que quadros atípicos recebessem um diagnóstico que não seria cabível anteriormente, quando os critérios eram mais estritos. Esta é, possivelmente, uma das possíveis explicações para o aumento no número de casos diagnosticados em anos recentes; os critérios de inclusão no diagnóstico tornaram-se bem mais abrangentes (Schwartzman, 1991, p. 34).

A inclusão constitui-se como consequência de uma necessidade social, no entendimento que uma escola deve ofertar educação a “todos”, sem distinção, na perspectiva de uma sociedade mais justa e igualitária. Cabe à escola promover espaços significativos de aprendizagem aos sujeitos envolvidos, ou seja, estabelecer instrumentos de mediação nos processos de aprendizagem e inclusão. Rego (2013) cita que se torna praticamente impossível negar as diferenças individuais entre os sujeitos de uma determinada cultura, assim como a variabilidade dos indivíduos de diferentes grupos culturais. A constatação da singularidade humana, observável inclusive pelo senso comum, levanta o problema da origem dessas diferenças.

A questão foi, ao longo do tempo, objeto de pesquisa de diferentes áreas do conhecimento, especialmente na filosofia, psicologia, sociologia e educação; e ocupa papel de destaque nas reflexões contemporâneas. Para a educação, o problema se institui de outra forma: o que fazer com que as diferenças encontradas? Entende-se que a resposta a essa indagação está intimamente associada a concepção adotada para explicar a origem da contribuição da singularidade humana.

2 -TRANSTORNOS E DISTÚRBIOS: A DIFICULDADE DA APRENDIZAGEM

Sabe-se que a tarefa inerente e principal de toda estrutura educacional, especialmente a escola, é a de promover o desenvolvimento e a aprendizagem do ser humano nas diferentes dimensões: sociais, cognitivas, emocionais e motoras. Na sociedade urbana e industrializada, a escola tem uma função social, na medida em que compartilha com as famílias a educação das crianças; uma função política, no que diz respeito à contribuição para a formação de cidadãos; e uma função pedagógica, pois é o local privilegiado para a transmissão-construção de um

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

conjunto de conhecimentos relevantes e formas de operar intelectualmente, segundo padrões do contexto social e cultural.

Distúrbio de aprendizagem é como uma "perturbação no ato de aprender, isto é, uma modificação dos padrões de aquisição, assimilação e transformação, sejam por vias internas ou externas do indivíduo", (Romero. p. 2000). E os distúrbios de aprendizagem como uma disfunção do sistema nervoso central relaciona-se a uma falha no processo de aquisição ou do desenvolvimento, portanto, é de caráter funcional.

Sendo assim, um distúrbio não caracteriza uma ausência, mas sim uma perturbação dentro de um processo; assim, qualquer distúrbio implica em uma perturbação na aquisição, utilização e armazenamento de informações, ou na habilidade para soluções de problemas. Deste modo, os distúrbios de aprendizagem seriam uma perturbação no ato de aprender, ou seja, uma modificação dos padrões de aquisição, assimilação e transformação, sejam por vias internas ou externas ao indivíduo. E conforme Fonseca, 1995, o distúrbio de aprendizagem está relacionado a um grupo de dificuldades específicas e pontuais, caracterizadas pela presença de uma disfunção neurológica.

Já a dificuldade de aprendizagem é um termo mais *global* e abrangente com causas relacionadas ao sujeito que aprende, aos conteúdos pedagógicos, ao professor, aos métodos de ensino, ao ambiente físico e social da escola. Ciasca e Rossini (1991) defendem que a dificuldade de aprendizagem é um déficit específico da atividade acadêmica, enquanto o distúrbio de aprendizagem é uma disfunção intrínseca da criança relacionada aos fatores neurológicos.

Os fatores neurológicos citados pelos autores demonstram que essas dificuldades estão relacionadas na aquisição e no uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas que se referem as disfunções no sistema nervoso central. Não podemos também deixar de considerar que as dificuldades de aprendizagem muitas vezes podem ocorrer concomitantemente com outras situações desfavoráveis, como: alteração sensorial, retardo mental, distúrbio emocional, ou social, ou mesmo influências ambientais de qualquer natureza.

Diferentemente de dificuldade escolar que está relacionada especificamente a um problema de ordem e origem pedagógica, um distúrbio de aprendizagem envolve situações orgânicas que impedem o indivíduo de aprender, e, dificuldade escolar,

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

pode estar relacionada a fatores internos que se somam aos fatores ambientais como, por exemplo, fatores emocionais, familiares, sociais, motivacionais, relação professor-aluno, programas escolares inadequados e outros.

Quanto aos distúrbios de aprendizagem, estes podem ser verbais e não verbais. Os distúrbios verbais estão relacionados com as dificuldades nas habilidades em ler e escrever, que são as dislexias, que podem ser classificadas em três subtipos: a dislexia disfonética (indivíduos que leem as palavras conhecidas, mas com dificuldades das palavras novas, há trocas nas letras), a dislexia deseidética (apresenta leitura lenta, com dificuldade em palavras irregulares), e a dislexia mista, que abrange os dois tipos.

Os distúrbios não verbais estão relacionados aos problemas viso espacial e incapacidade para compreender o significado do contexto social. Apresentam dificuldades na percepção tátil e visual, habilidades de coordenação motora, destreza, dificuldades em lidar com situações novas, acarretando em dificuldades acadêmicas e sociais. As crianças apresentam boa memória auditiva e estrutura de linguagem, com uma inteligência normal, sem déficits sensoriais, ausência de problemas físicos e emocionais significativos, orientam Coll, Marchesi e Palácios (2010).

Muito se confunde sobre as duas terminologias – dificuldades e transtornos de aprendizagem e em consequência deste equívoco, as formas de lidar com estas duas situações que norteiam a aprendizagem humana, acabam por comprometer um diagnóstico e a própria utilização de estratégias para reverter ou minimizar a vida escolar e pessoal de um indivíduo. Os transtornos de aprendizagem não devem ser confundidos como deficiência intelectual porque o diagnóstico deve ser feito por equipe multidisciplinar, cujo objetivo principal é o de identificar o que impede o sujeito de ter um sucesso acadêmico e um adequado comportamento adaptativo.

Sendo assim, o ideal seria uma organização de equipe, encontrar os recursos para atender a esses alunos, se fosse o caso com ajuda externa, mas sem exclusão. As medidas de integração de crianças deficientes ou psicóticas em classes comuns abriram um caminho, assim como as práticas de apoio psicopedagógico integradas à sala de aula, com o interventor e o titular da classe trabalhando juntos, um ou outro assumindo mais particularmente os alunos com grandes dificuldades, aconselha Perrenoud (2000, p. 70), acrescentando que o professor deve,

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

> Ter domínio teórico e prático dos aspectos afetivos e relacionais da aprendizagem e possuir cultura psicanalítica básica; estar convencido de que os indivíduos são todos diferentes e o que "funciona" para um não funcionará necessariamente para outro. Fazer uma reflexão específica sobre o fracasso escolar, as diferenças pessoais e culturais; dispor de bases teóricas em psicologia social do desenvolvimento e da aprendizagem. (PERRENOUD, 2000, p. 71).

Contudo, sabe-se que nem os professores tem essa competência. São considerações importantes, porque o professor pode identificar o comportamento do aluno, falar dentro do contexto sócio histórico que está inserido. Rever metodologia com foco maior na escola, exemplo, na leitura tem que observar o que a criança não vai bem e não porque a criança vai mal em tudo. Considerando que toda aprendizagem é mediada pela linguagem, ela será muito melhor sucedida se a língua utilizada for compartilhada por todos os que se encontram no processo educacional. O problema em ler e escrever é dislexia. Cada criança tem capacidades e habilidades únicas.

Trabalhar com a sinestesia – órgãos do sentido. O professor deve ser um facilitador da aprendizagem. Organizar as atividades para que isso aconteça. Isso é pensar na educação especial e no ensino comum. A identificação das necessidades educacionais especiais para justificar a priorização de recursos e meios favoráveis à sua educação. Portanto, a adoção de currículos abertos e propostas curriculares diversificadas, em lugar de uma concepção uniforme e homogeneizada de currículo, com uma flexibilidade quanto à organização e ao funcionamento da escola para atender à demanda diversificada dos alunos pode colaborar e muito para um avanço escolar almejado por grande parte dos profissionais de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou a orientação sobre um assunto pertinente nos dias atuais. Questionou-se e posicionou-se como um instrumento a ser lido pelos profissionais de educação vocacionados para aquilo que vida lhes sorriu, como o de ser um instrumento de formação, de atividade humana. Para o exercício da vida profissional, como da própria vida familiar e social, o professor deve crescer cada dia. O crescimento é sabedoria e saber que deve mudar e atender a demanda

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

diversificada de alunos que são apresentados é um ato corajoso e perspicaz, que se apresenta como um alicerce para se fazer melhor, para tornar pessoas melhores, que farão o essencial acontecer.

Interessante constatar que são inúmeros os enigmas as causas e as explicações para o desvio do desenvolvimento humano normal denominado de Autismo. Apesar da enorme quantidade de pesquisas realizadas durante mais de meio século, o autismo continua ocultando sua origem e grande parte de sua natureza, apresentando desafios para a intervenção educativa e terapêutica. E com o autismo surgiram os transtornos globais, que afetam o indivíduo e aqueles que o cerca.

E quando se tem a oportunidade de pesquisar sobre esse tema, sentimos que esses transtornos revelam sentimentos, vivência e um fascínio difícil de descrever, porque no âmbito das relações sociais está a reciprocidade, e na relação o que se detém é um verdadeiro sentimento de que há uma relação, mas da maneira deles, no aspecto dele, no mundo singular deles.

Já impedir um processo que se apresenta, como a dificuldade de um aluno, passando para frente, sem tomar as providências necessárias no tempo “certo”, pode ser um prejuízo para uma vida toda, porque compromete um indivíduo que almeja uma formação, uma aprendizagem igualitária para com o demais. Uma criança antes de adentrar a Escola, pergunta, fala e salta em busca de respostas e esclarecimentos. Mas, nos bancos escolares, se cala, é podada por ela mesma, pelos colegas e por muitos professores que não querem ser “atrapalhados” em suas aulas, com perguntas fora do conteúdo. Mas e o contexto? Se fala tanto em contextualização nas semanas pedagógicas, mas ao contrário, o comportamento do professor em sala de aula é outro.

Compreende-se que nos critérios de escolarização dos alunos com transtornos, o sistema requer: diversidade e personalização. Assegurar a motivação e apresentar tarefas somente quando a criança atende e entende, de forma clara, em ambientes estruturados e previsíveis ao comportamento dos alunos autistas, com Síndrome de Asperger e no chamado Espectro Autista e demais transtornos.

Valorização é um aspecto único e individual de um ser, mas de um ser educado para se orgulhar de um trabalho do que faz. E o orgulho maior se dá, quando, um aluno e uma comunidade escolar se une para o bem-estar de todos.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Quando nos preocupamos com as particularidades. Saber porque um aluno não aprende é um dos variados aspectos que faz parte do exercício do magistério. E mais, entender que as adaptações são necessárias é uma evolução para um futuro mais digno e promissor para aqueles que passam por nós e que encontraremos mais adiante, independente da profissão que escolherão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASPERGER, Hans. **Psicopatias Autísticas na infância**. Disponível em www.arch. Hans_Asperger. Acesso em 21 de abril de 2017.

BARBOSA, A. **Mundo Singular** – entenda o Autista. Fontanar, Rio de Janeiro, 2012.

CIASCA & ROSSINI. CIASCA, S.M. & ROSSINI, S.D.R. **Distúrbio de Aprendizagem:** mudanças ou não? Correlação de uma década de atendimento. Campinas. Revista Brasileira de Neurologia. 1991.

COLL, MARCHESI & PALÁCIOS. **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais.** Porto Alegre, Artmed. 2010.

KLIN, Ami. **Autismo e Síndrome de Asperger**: uma visão geral. Revista Brasileira de Psiquiatria, 2006, v.2, n.1, p. 3-11. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a02v28s1.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2017.

LANDRY, S. **O Autista e a Educação Afetiva**. Disponível em www.autism.net Acesso em 10 de maio de 2017.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul. 2000.

ROMERO, J. F. **Os Atrasos Maturativos e as Dificuldades da Aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SAINT, O. **O Cérebro e a Linguagem**. Revista Mente & Cérebro. São Paulo. Segmento, 2012.

SILVEIRA, L. M. de O. B. (2003). **A Família, a Escola e a Pós Modernidade**. Psicologia em questão: Reflexões sobre a Contemporaneidade. Porto Alegre. Edipucrs. 2007.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde. CID-10. 10. Ed. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHWARTZMAN, J.S. **Síndrome de Asperger**. Temas sobre Desenvolvimento, 1991, v.2, p. 19-21. Disponível em: www.schwartzman.com.br. Acesso em 18 de maio de 2017.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1991, p.110.

WILLIAMS, Karen. Autismo – **Síndrome de Asperger** - Entendendo estudantes com a Síndrome de Asperger, 2011, p. 1-2. Disponível em: www.indianopolis.com.br/artigo. Acesso em 20 de maio de 2017.